



ÍNDICE

<i>Personagens</i>	9
O Mercador de Veneza	11
Acto I	11
Acto II	39
Acto III	89
Acto IV	131
Acto V	161
<i>Notas sobre a tradução</i>	181



CENA II

(Veneza)

Entra Lancelote Gobbo a sós.



LANCELOTE:



Efectivamente a minha consciência vai servir-me para fugir deste judeu meu amo. Este diabinho dá-me com o meu cotovelo e tenta-me, dizendo «Gobbo, Lancelote Gobbo, bom Lancelote», ou «Bom Gobbo», ou «Bom Lancelote Gobbo, usa as pernas, põe-te na alheta, pisga-te.» Diz-me a minha consciência: «Não, tem tento, Lancelote honesto, tem tento, Gobbo honesto» — ou, como antes dito — «Lancelote Gobbo honesto, não fujas, sapateia à volta da fuga com os teus tacões.» Bem, o diabinho mais corajoso diz-me para me pôr ao fresco. «Raspa-te!» diz o diabinho, «Vaza!» diz o diabinho, «que os céus levantaram um espírito bravo», diz o diabinho, «pira-te!» Bem, diz-me a minha consciência agarradinha ao pescoço do meu coração, diz-me mui sabiamente «meu honesto



WILLIAM SHAKESPEARE

amigo Lancelote, sendo tu filho de um homem honesto», ou antes, «de uma mulher honesta» — pois que efectivamente o meu pai chicoteou com a língua, fez alguma coisa repenicar, e gosto que tinha tomou-lhe o gosto — bem, diz-me a minha consciência, «Lancelote, não te mexas!», «Mexe-te», diz o diabinho. «Nem pensar», diz-me a minha consciência. «Consciência», falo agora eu, «tu falas bem». «Diabinho», ainda sou eu a falar, «tu palpitas bem mal». A ser ajuizado pela meritíssima minha consciência, eu deveria ficar com o judeu meu amo que — Deus abençoe a marca! — é uma espécie de diabo; e a escapulir-me do judeu era ser ajuizado pelo diabinho que — perdoe-se-me o vernáculo — é o diabo em pequenino. Efectivamente o judeu é o diabo em pessoa, e diz-me a minha consciência que a minha consciência anda com um peso na consciência de me dizer para ficar com o judeu. O diabinho, por seu turno, dá-me um conselho de anjinho: vou dar o pisga, diabinho, as minhas pernas são p'ra que vos quero, vou dar o pisga.

(Entra o velho Gobbo com um cesto.)

GOBBO:

Mestre jovem, vós, por favor, indicais-me o caminho para o Mestre Judeu?

LANCELOTE:

Ó céus! Este é o meu pai biológico, o qual, mais que meio cegueta, cegueta e meio, topa em tudo e não me topa de todo. Vou ver se ele topa a confusão.





O MERCADOR DE VENEZA

GOBBO:

Mestre jovem cavalheiro, por favor, indicais-me o caminho para o Mestre Judeu?

LANCELOTE:

Vais levantar a mão certa na próxima à direita, mas na próxima no fim de todas vais desandar à esquerda. Mas atenção, na próxima mesmo não viras em mão nenhuma, mas viras em frente indirectamente na casa do judeu.

GOBBO:

Ó santinhos, vai ser difícil dar com isso! Sabeis dizer-me se um tal de Lancelote que vive com ele vive com ele ou não?



LANCELOTE:

Falas do jovem Mestre Lancelote? — vejam-me só, agora é que vai ser de levar as cataratas às lágrimas: — Falas do jovem Mestre Lancelote?



GOBBO:

Não, «mestre», senhor, mas do filho de um pobre homem. O seu pai, apesar de ser eu a dizê-lo, é um pobre homem muito extremamente honesto, e, graças a Deus, bem na vida.

LANCELOTE:

Bem, deixemos o pai ser o que bem na vida entenda, estamos a falar do jovem Mestre Lancelote.





WILLIAM SHAKESPEARE

GOBBO:

Chamai-lhe Lancelote, um amigo ao vosso serviço, minha senhoria, senhor.

LANCELOTE:

Mas diz-me, *ergo* velhote, *ergo* peço-te, falas do jovem Mestre Lancelote?

GOBBO:

Só Lancelote, se vossa graça o desejar.

LANCELOTE:

Ergo Mestre Lancelote. Não fales de Mestre Lancelote, pai, é que o jovem cavalheiro, de acordo com as sinas e destinos, e alguns ditos por aí, as três irmãs Parcas, e uns quantos ramos de saber, efectivamente pereceu, ou como dirias, foi para o céu.

GOBBO:

Nossa senhora, Deus o proteja! O rapaz era o bordão da minha velhice, o meu próprio esteio.

LANCELOTE:

Por acaso pareço uma moca ou um pilar, um poste ou uma estaca? Estás a ver quem sou, pai?

GOBBO:

Ai, senhor, não vos conheço, jovem cavalheiro, mas peço-vos, dizei-me, o meu rapaz — paz à sua alma — está vivo ou morto?





O MERCADOR DE VENEZA

LANCELOTE:

Não me reconheces, pai?

GOBBO:

Pobre de mim, senhor, tenho formigueiro na vista, não vos conheço.

LANCELOTE:

Pois não, e se tivesses olhos talvez te falhassem em me conhecer: sábio é o pai que o seu filho conhece. Bem, velho, vou dar-te novidades sobre o teu filho. *(Ajoelha-se)* Dá-me a tua bênção; a verdade verá a luz, o crime não se pode esconder por muito tempo, o filho de um homem pode, mas no fim a verdade vem ao de cima.

GOBBO:

Peço-vos, senhor, levantai-vos; com certeza não sois o meu rapaz Lancelote.

LANCELOTE:

Vamos, deixemo-nos de mais tolices, dá-me a tua bênção; sou Lancelote, o teu rapaz que foi, o teu filho que é, a tua criança que será.

GOBBO:

Não consigo pensar que sejas meu filho.

LANCELOTE:

Eu é que não sei o que pensar disso, mas eu sou Lancelote, o rapaz do judeu, e decerto que Margarida vossa esposa minha mãe é.





Sábio é o pai que o seu filho conhece.